

# ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL  
Empresa do jornal O SÉCULO

José Joubert Chaves  
EDITOR

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida  
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA — LISBOA.

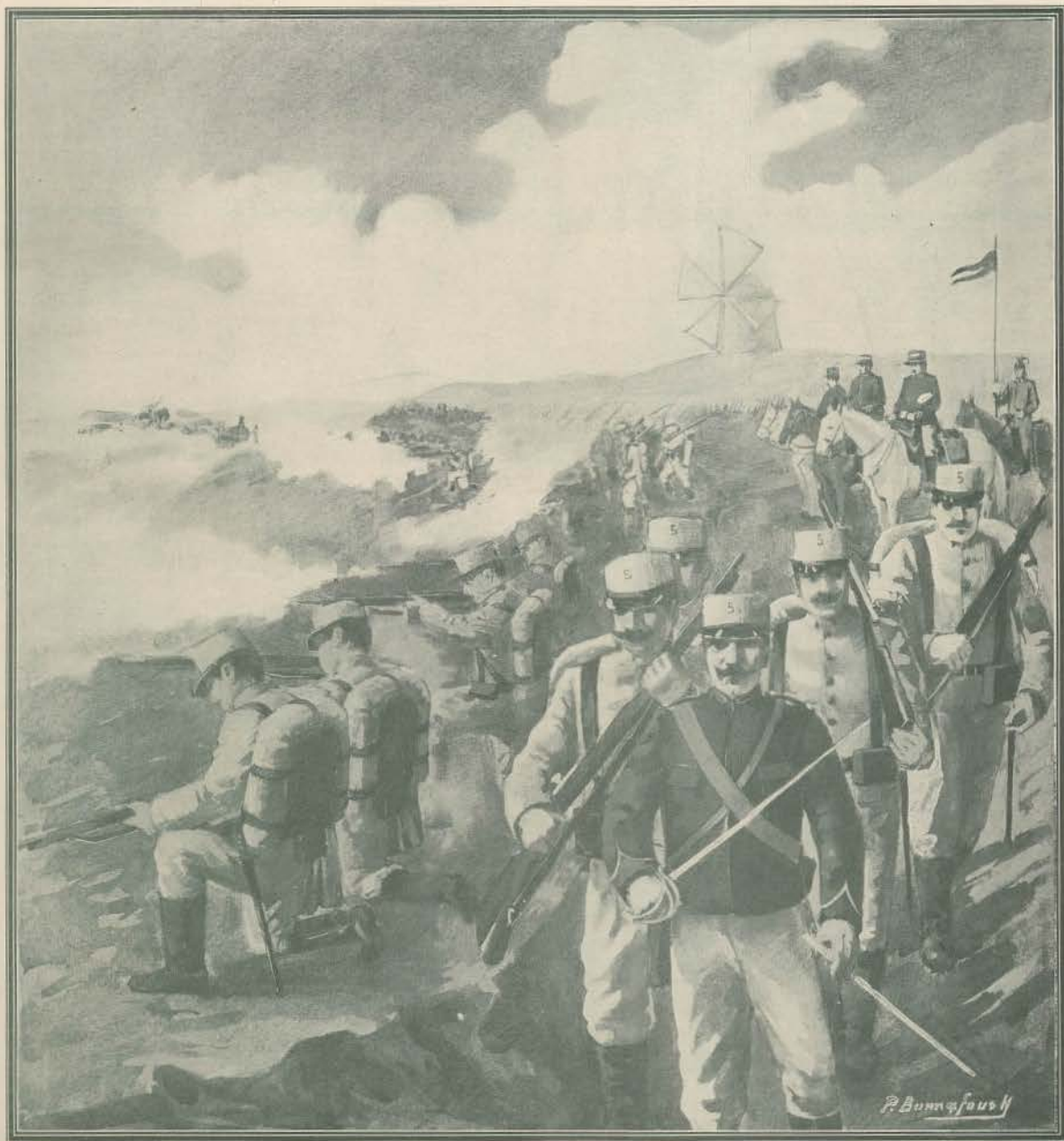
# PORTUGUEZA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão — Rua Formosa, 43 — LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 23 DE NOVEMBRO DE 1903

NUMERO 3



UM EXERCÍCIO PARA O TIROCNIO DE MAJORES DOS CAPITÃES DO EXERCITO D'AFRICA SRS. MEDINA, IGNACIO FONSECA E ROGERIO LEITE  
REALIZADO NA SERRA DO MONSANTO, EM 14 DE NOVEMBRO

# CHRONICA

O mez de novembro

Estamos em novembro, que é o mez das tristezas, das neblinas, das saudades, o mez que Fradique, para madame de Jouarre, devia symbolisar n'uma camelia fenecida, Cahiram as folhas das arvores e os braços penderam no fim das valsas, veiu não uma canceira mas uma paralytia, com esse mez, que é um velho, o penultimo do anno, que tem severidades, visagens, aborrecimentos, que por vezes se abre n'um riso de sol pallido mas logo se amofina a cerrar-se n'um desalento, como se não tivesse vida e quizesse paralyisar a dos outros. Calaram-se os pianos e calaram-se os amores de mezes na excitação das praias, houve uma debandada, cerraram-se as cortinas, e fecharam-se as portas nas viviendas como pannos de boca descendo no fim de uma revista. As mulherinhas, ao primeiro arrepio de frio, appeteceram as cidades com a sua larga vida, com o gaz a rebrilhar, com os bailes, com as recitas, toda uma excitação nova no meio de pellicas, com um luxo farto a fazer esquecer a simplicidade dos seus trajos de tennis e de cyclistas.

Novembro marca o ultimo accordo dos instrumentos nos casinos, suspende no ar as batutas dos muestros nos concertos de verão, anniquila o ultimo *flirt* diante do oceano que se onocresa e recorda o ultimo *pic-nic* alegre com restos atulhados de viveres no meio das aguas serenas ou entre as arvores dos parques senhoriaes.

Cascaes perden o seu aspecto de villa animada, desaparecem d'elle o grande mundo e ficou-se na misera tranquillidade d'um povoado de pescadores, tristonho diante do oceano, n'uma luz parda, exquissita, com menos comboios silvando fugidios nos rails, com menos rostos mimosos nas janellas, com menos trens guisalhando pelas ruas, entonebreceu e aquietou-se; ficou apenas a povoação em si, com duzentos habitantes que se conhecem e são parentes, com os barcos encalhados na praia, a cidadella tristonha, lá ao fundo, perdendo o seu ar de venda alegre, para ganhar de novo a sua carranca de fortaleza vigiando o mar.

Os pensamentos voaram para a cidade que ao longe se mostrava na sua balburdia, no seu redemoinhar com o gaz flamejando nas fachadas dos theatros e com os cartazes bem destacados nas esquinas, annunciando mr. Coquelín, o mais velho, no *Cyano de Bergerac*.

E com esse novembro, mez de neblinas e que tem por signo o centauro, vieram tambem os grandes desastres, as grandes preoccupações. Obriga uns á vida da sociedade, que é exigente, obriga outros á lucta tormentosa, a maior tarafa.

As carruagens rodam, rebrilhando as caixas ao claro do gaz, deixando entrever perfis de graça através as vidraças e os trintanarios empertigados nas boleas, passam ligeiras, todas n'uma linha, para os divertimentos, conduzindo ricos tão tristes como os pobres, por esse mez de saudades e de miseria, que arrasta consigo o S. Martinho n'uma capa roxa, Bacho do catholicismo sem pampunos mas aureolado, a gerar um alarido pelas ruas onde vultos equivoocos traçaram n'esse dia sombras epilepticas no clarão das luzes que os seus olhos não podiam fixar. Mas os cafés animaram-se, a turba chegou. Soltam-se exclamações, abrem-se amplexos, como se os nossos amigos e os nossos conhecidos viessem da Palestina. Temos vontade de os apertar contra o peito, de lhes calir nos braços:

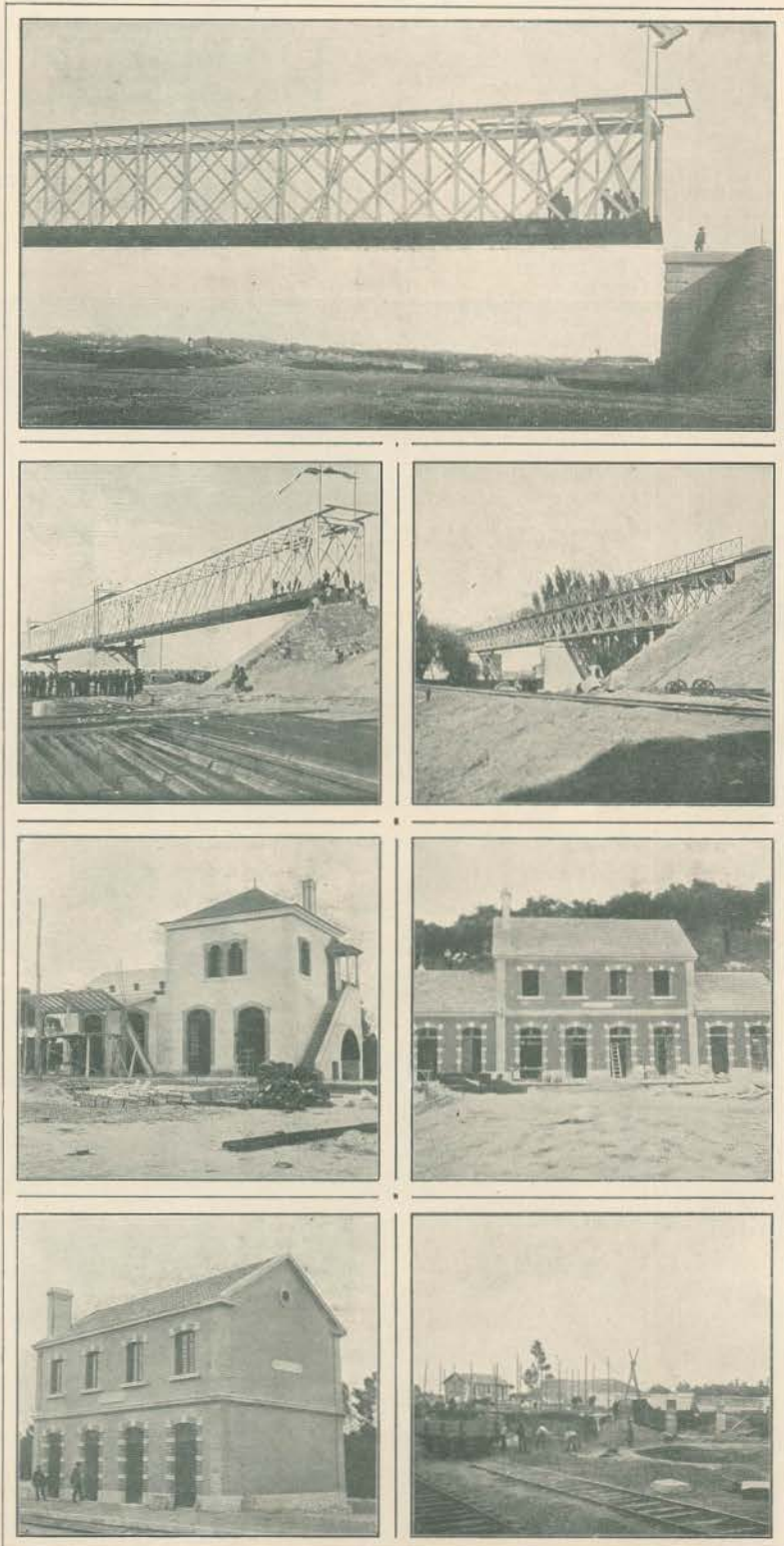
— Sim, senhor, sim, senhor, vens muito mais gordo!! Onde estiveste?...

A's vezes em Caneças, outras em Vichy, uns n'uma trapeira, outros em Davos-Platz, fulano em Nice, o sem nome pelas ruas, encolbido, mettido no obscuro e nos andrajos.

Mas temos a impressão que todos voltam de veranejar, que todos chegam das praias mais sadios e mais dispostos á lucta; e então, por um natural receio, saudamol-os, falamos-lhes, não vão elles, depois de passearem o seu copo d'agua nas Pedras Salgadas, conquistar a cidade com toda a sua robustez e com todo o seu vigor novo, dado pelo descaço. Mas não... A meio de novembro, vem o medo, a 20, vem o mesmo desespero do anno anterior. A renda da casa tira a energia.

Oh! Sim, novembro é bem o mez do centauro, o mez em que todo o homem, á excepção do senhorio, se acha meio irracional, meio pensante, a symbolisar-se n'esse centauro do signo! E isso, só por causa do arrendamento!

ROCHA MARTINS



O CAMINHO DE FERRO DE SANTANNA A VENDAS NOVAS

1.—UM TRONCO DA PONTE SOBRE O RIO DO BOMFETO DE S. LANCADA (PROV. ORIENTAL); 2.—O TRONCO DA PONTE SOBRE O RIO DO BOMFETO DE S. LANCADA (PROV. ORIENTAL); 3.—A ESTACAO DE S. LANCADA; 4.—A ESTACAO DE COELHO; 5.—A PONTE DE S. LANCADA; 6.—O APARELHO DO VENTILADOR; 7.—SITUAÇÃO DAS MACHIEIRAS EM VENDAS NOVAS



UMA CONSULTA MEDICA NA ASSISTENCIA NACIONAL AOS TUBERCULOSOS, EM 16 DE NOVEMBRO



#### NO FORTE DA RAPOSEIRA

A VISITA DE S. A. O SENHOR INFANTE D. AFFONSO E DO SR. MINISTRO DA GUERRA ÀS FORTIFICAÇÕES DO SUL DO TRÊJO



#### A FESTA NA REAL BASÍLICA DA ESTRELLA

1.º O SR. ARCEBISPO DE EVORA DESCENDO DA CARRUAGEM—2.º A ENTRADA DO SR. ARCEBISPO—3.º A SUA RECEPÇÃO PELO SR. PRIOR DA LAVA E PELO SRV. MEDITAÇÃO—4.º SAÍDA DO SR. ARCEBISPO DA DOZEA



A REPRESENTAÇÃO DA MAGDA NO THEATRO D. AMELIA

1.ª (SCENA DO 2.º ACTO) LUCILIA SIMÕES E AUGUSTO ROSA, DELPHINA CRUZ, SILVIA COSTA, JOSEPHIA D'OLIVEIRA e JESSEIRA BARAIVA — 2.ª (SCENA DO 2.º ACTO) LUCILIA SIMÕES E O ACTOR FERREIRO — 3.ª (SCENA DO 4.º ACTO) LUCILIA SIMÕES E CARLOS D'OLIVEIRA  
— 4.ª (SCENA DO 4.º ACTO) AUGUSTO ROSA, LUCILIA SIMÕES E DELPHINA CRUZ — 5.ª (SCENA FINAL DO 4.º ACTO) A MORTE DO CORONEL REDWARTS

# HABITAÇÕES ARTÍSTICAS

## Digressões e visitas

A casa de Ferreira da Silva



O COFRE DAS JOIAS DA GRANDE ACTRIZ VIRGÍNIA

gem soava frio e imperturbável para o mecanismo administrativo da folha.

N'uma serião artigos para um dos jornais diários de Lisboa, da cuja redacção faço parte, direi caso de descrever a casa onde o illustre actor Ferreira da Silva e sua esposa, a gloriosa actriz Virginia, vivem.

Nada de permitido havia n'essa arte de chronica, nem o tempo, o detulhe da vontade, permitia um longo extrinco de impressões, porquanto as honras decorativas lousa e o momento da tiragem soava frio e imperturbável para o mecanismo administrativo da folha.



O QUARTO DE DORMIR

Venho a recordar-me por esta via d'alegre de costume; e, não sei se por um estado do espirito identico, por um identico effeito do patangem, de subito evoca, da turba-mulha de impressões posteriormente colhidas, a minha primeira visita á casa de Ferreira da Silva, ha talvez um anno, por um crepusculo tranquillo, em que o céu vinha a esboçar-se de estrellas, e o sol morria, como n'um passo de theatro, pela scenographia colorida das tintas, p'ris bandas de mar.

A moradia dos dois artistas é na Cruz da Pedra, um pittoresco arrabalde da cidade, a caminho de Benfica. Então, e no mesmo passado litterario, á dolorida hora do outardecor, pela quinta, sob a sombra húmida das arvores, falamos dos aspectos da patangem que de alguns pontos deslanchava como um secunario de magics. Subimos a um mirante alto — janella aberta sobre as hortas vizinhas — e para o sul, entre arvores, uma casaria de toldados táluxes, e, como perguntássemos o nome do local, foi a illustre actriz que nos explicou: — É uma quinta historica do Pinhão, onde se representou pela primeira vez o *Frei Luiz de Souza*. Acolá morava D. Maria Krus, a que revolta nos seus olhos, que diatavam o mundo, o fina flor dos artistas: Garrett, o dandy Sotelo Mayor — nosso ministro na

Scandinavia. Garrett, faltando-lhe um interesse, representou o Tolmo Pass; e o que é mais curioso é que o autor das *Viagens de minha Terra* era uma absoluta negação para a scena. O descompunho que elle deu ao personagem foi um innescesso! A' nossa direita, entre arvoredo e bosque, está a Quinta da Infância — outra recordação historica.

No dia em que all estivemos, na sua sala de estudo folheava Ferreira da Silva um velho numero da *Esra Illustrada*. Vendo os nomes successos, naturalmente a commença derivo para o assumpto da sua leitura occasional. A revista franceza inseria um artigo, assignado pelo escriptor parisiense *Adolphe Brisson*, que se intitulava: *Une heure chez Rochefort*. Era uma descripção da casa que o pamphletario do *Intransigeant* habitava em Londres, a terra escolhida para exilio, em 4, *Charles Ferrer, Regent's Park*.

— Que interesse liga ao interior de Rochefort? Apaixona-o, porventura, a figura moral do revolucionario? — perguntámos.

— Não — respondeu-me. — Casualmente me puz a ler o artigo de Brisson, mas imagino — prosegue, estendido sobre um pequeno bafido que lhe servia de mesa de trabalho — imagino que sob a aristocratica designação de *le lit de l'esperance* encontro a photographia da cama de Rochefort... que é exactamente igual á minha! Brisson conta:

«Rochefort, subindo no segundo andar, narra-me a historia da sua cama: fora um presente que lhe fôra o imperador do Brazil, com quem travára conhecimento em casa de Victor Hugo.»

O chronista francez, descrevendo esse leito imperial, chama-lhe evocadamente «uma curiosa mistura de rocaille e de gothico», e, linhas abaixo, n'um desvario de classificão, apoda a estylo empregado de «rocaille fantasmatique».

Era natural, pois, que comparássemos os leitos: o de Rochefort, exhibido na gravura, e o de Ferreira da Silva.

Erão, como o nosso interlocutor nos referira, «exactissimamente eguaes». Mas, para surpresa nossa, nem a gravura da *Esra*, nem, consequentemente, o leito que all tinhamos para mimos examinar, tinham uma curva sequer que pudéssemos reputar estylizada em gothico. D'outra viza, pois, a designação de Brisson? Erro do observador, erro casual de informação furnecida por Rochefort?... Não sei. Ficará como sendo um mysterio inson davel!...

E, como estivéssemos no quarto da cama de Ferreira da Silva, all começa a nossa surpresa diante do



O ACTOR FERREIRA DA SILVA

o actor Ferreira da Silva um velho numero da *Esra Illustrada*. Vendo os nomes successos, naturalmente a commença derivo para o assumpto da sua leitura occasional. A revista franceza inseria um artigo, assignado pelo escriptor parisiense *Adolphe Brisson*, que se intitulava: *Une heure chez Rochefort*. Era uma descripção da casa que o pamphletario do *Intransigeant* habitava em Londres, a terra escolhida para exilio, em 4, *Charles Ferrer, Regent's Park*.

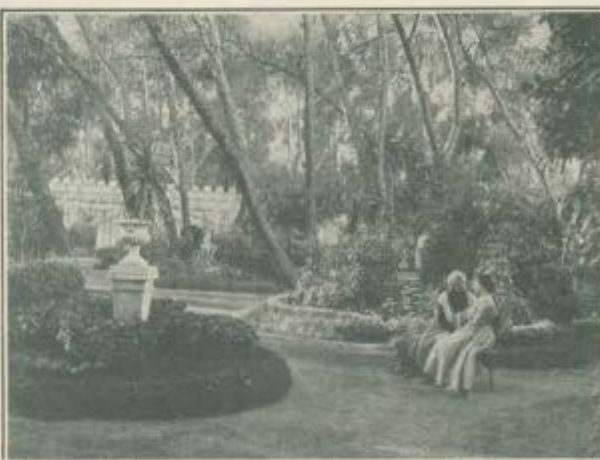
tanto objecto d'arte. A «cama do imperador» — já agora é esta a denominação que eu seguirei tambem — é puro D. João V, e as columnas que sustentam o sobrecoito, de dimensões corinthio, lembram na simplicidade dos torcaes as decorações religiosas d'aquelle tempo, pelo que são nos illustramos muito confazendo esse trabalho das columnas com o das varas de palho, nem o mais erro será grande accentuando o nupco decorativo, fundamentalmente religioso, indistinctamente expresso no mobiliario do lar e nos objectos do culto domo e fidalgo da epoca.

Primeira ao leito, uma *berceuse* Louis XV, labuada, de um lado, por sua linda e decorativa majolica, em que se desenha um curioso grupo; e a janella lançando a primeira arca do violino, e a scacia fazendo gemer o cravo claudral e melancolico. D'outra-ha, que vai iniciando o «cruzo minutico», airoso, conforme o defecto o parnasianismo de Crispo. No outro lado, vemos um relógio D. João V, uma redacção dos alongados relógios de peso, tudo em laoca vermelha. Suspensa do tecto, ha uma lampada de cobre, estylo tambem D. João V, que Ferreira da Silva observo ultimamente em Guimarães, quando d'um *terreno* dramatico pela provincia. Ha ainda n'este salão tres commoedas da mesma epoca, entre as janellas um tremal, tudo em *rocaille*, do lado opposto uma *estryla* D. João V — sendo este o estylo uniforme da habitação — tudo se vê uma infinidade de joias, de um alto valor, mas muito principalmente redicuros, uma *saie* de seda, onde brilham os cambiantes das pedrarias coloridas.



A SALA DE JANTAR

Alguns tapetes de Arrayolos e um persa completam a decoração vista n'um relance.



A ILLUSTRER ACTRIZ VIRGÍNIA COM A SUA GENTIL FILHINHA N'UM BANCO DO JARDIM

A sala de estudo, onde a seguir nos installámos em amistosos palcos sobre os excitos illustras da temporada, tem uma primorosa colleção de quadros: uma paisagem minadora de Silva Porto; um pombal abatejato de Ramalho, com trepadeiras floridas e rovedas de pombos n'as calcinadas da manhã; uma scenographica aquarella de Mania; mariolhas de Vaz; um quadro representador de Salgado; um *portraitharge* de Ramalho, assado de um hamorismo de Columbano; um retrato de Virginia, outro do nosso interlocutor, ambos de Ramalho que, pela amiga intimidade que tem n'aquelle casa, nos dá do seu talento a mais completa prova, tendo all a sua mais eloquente exposição. Porto da janella, sobre uma pomba, Texeira Lopes assigna um busto em marmore — e a caboca d'aquelle linda criança, filha dos illustres artistas. Pela mesma escadaria atpoteia e na sala do jantar ha



O GABINETE DE TRABALHO



UM LANÇO D'ESCALADA

uma magnífica collecção de faianças; azulejos, dois riquíssimos tapetes do Arrayaloz, uma salva de cobre, *reparado*. Na escada ha ainda um *sophá* e cadeiras D. João V.

A' hora da despedida, Ferreira da Silva referiu-nos o seu vicio de colleccionador, vicio antigo dominando-lhe outros enthusiasmos, e concluiu:  
— Tomei esta mania ainda estava em Coimbra, ha uns

quinze annos, e agora é já uma predestinação; não estou contente senão quando consigo algum *libelot* novo.

SANTOS TAVARES.



A PARTIDA DE SS. MM. DE CASCAES PARA LISBOA NO DIA 12 DE NOVEMBRO.  
NO ATHRO DA CIDADELLA — EM FRENTE DA ESTAÇÃO — A CONTINENCIA DA GUARDA — AS CARRUAGENS AGUARDANDO SS. MM.  
A DESCIDA NA ESTAÇÃO



O PRIMEIRO SABBADO DE FEIRA DA LADRA — EM 14 DE NOVEMBRO DE 1903





S. M. a RAINHA SENHORA D. MARIA PIA



S. A. R. O PRINCIPE SENHOR D. LUIZ FILIPPE



S. A. O SENHOR INFANTE D. AFFONSO



S. A. O SENHOR [INFANTE D. MANUEL



DR. SANTOS FARINHA  
Navegador de Santa Isabel



DR. ALFREDO LUIZ LOPES  
Director da Assistência N. aos Tuberculosos



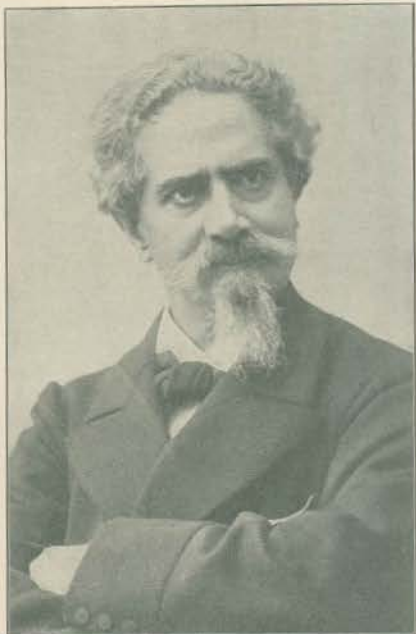
O TENENTE ANTONIO JULIO DE BRITO  
Residente de Portugal na Angónia



CONSELHEIRO CABRAL MONCADA  
Homenagem nomeado ajudante do procurador geral da corôa



DR. MAXIMINO DE MATTOS CARVALHO  
Vice-presidente da direcção da Adega Regional de Coimbra



CONSELHEIRO PEREIRA CARRILHO  
Fallecido em Paris em 16 de novembro.



OLIVEIRA MATTOS  
Deputado por Coimbra



CONSELHEIRO ABEL D'ANDRADE  
Director geral d'Instrucção publico



CONSELHEIRO ALFREDO LEUZ  
Commissario de Portugal na Exposição de S. Luiz



DR. JOSÉ ANTONIO YEIGA  
Cirurgião de brigada,  
fallecido em 14 de novembro.



DR. XAVIER CORDEIRO  
Fallecido em 17 de novembro.



O TENOR GASPAR DO NASCIMENTO



O AERONAUTA BELCHIOR FERNANDES



DR. COSTA LOBO  
Presidente da direcção da Adega Regional de Coimbra



BELMIRO ERNESTO DUARTE DA SILVA  
Um dos officiaes da comissão que vai delimitar a fronteira da Guiné



JOAQUIM DOS SANTOS SILVA  
O atrevido marítimo que salvou a vida a alguns naufragos, na costa de Lagos, em setembro ultimo



## OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN, TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

Porém, com esse pittoresco começa e acaba o seu atractivo. Basta ir a terra e voltar para bordo, para a detestarmos. O escalor em que se vai é admiravelmente adequado ao serviço a que o destinam. Bellamente disposto, mas homem nenhum o poderia manobrar nas correntes impetuosas, que veem do Mar Negro para o Bosphoro, e poucos levam a remos satisfatoriamente, até com o mar manso. É uma ligeira e comprida canoa (calique), larga em mais das extremidades, que vai adalgando da outra até ficar como a folha de uma face. Fazem d'essa extensa extremidade aguda a proa, e nolleis imaginar como essas fêrvidas correntes a fazem girar. Tem dois remos, algumas vezes quatro, e nada de homie. Largaos para um certo ponto e percorreis vincoenta direcções diferentes primeiro que lá cheguis. Primeiramente um remo vai afastando a agua, e depois o outro; é raro que ambos calam na agua ao mesmo tempo. Esta especie de navegação é capaz de dar um doído, n'uma semana, com um homem impaciente. Os barqueiros são os mais tacanhos, mais estupidos e mais broncos que lá sobre a terra, sem duvida nenhuma.

Em terra, não se imagina, uma roda vida. Povo mais demo que abellas, por essas ruas estreitas, e os homens vestidos com toda a especie de tralhos exaguerados, grosseiros, idólatras e extravagantes, que jamais poderiam conceber alfaiates atacados do delirium tremens. Não havia singularidade no vestir, por muito demorada, que não fosse seguida; nenhuma absurdidade rematadamente louca, que não fosse tolerada, nenhum fremezín na tresloucada farpella, demasiado phantastica, que não fosse tentada. Não havia dois homens vestidos do mesmo modo. Cada mó do gente atarefada em todas as ruas era um quadro dissolvente de contrastes violentos. Alguns patriarchas usavam turbantes pavorosos, mas o maior numero das horlas infieis usavam o barrete cor de fogo que denominam fez. O resto do vestuario que traziam em si era completamente indescritivel.

As lojas eram simples capoteiras, moras caixas, casas de banhos, gabinetes reservados—tudo o que se lhes quizer chamar—no primeiro andar. Assentam-se os turcos com as pernas cruzadas e trabalham, merceadejam e fumam por compridos cachimbos, e exhalam um cheiro especial. E cobrem o chão. Defronte d'elles, pejanos as ruas estreitas, estão os polvos pedintes, que esmolam efremamente, sem, todavia, colhorem cousa alguma; e aleje-

dos assombrosos, cuja deformidade quasi que lhes faz perder toda a semelhança com o genero humano; vagabundos que gulam jumentos carregados; moços de fretes que levam ás costas caixas de generos secos do tamanho de caças; vendilhões de uvas, de milho assado, pevides de abobora mentida, e com outras cousas; e a dormir deliciosamente, comodamente e serenamente entre os pés apressados, estão os afamados cães de Constantinopla; amontoando-se em resfor para fazer bulha, vêm-se ranchos de mulheres tarcas, trajando vestes escorridas, que lhes caem da cabeça até os pés, e com vãos alvos de neve atados na cabeça, que apenas deixam ver os olhos e um vago e fugitivo vislumbre de suas feições. Vistas a caminhar, por uma parte e por outra, lá ao longe, sob as arcarias baças do Grande Bazar, dão a lembrar os mortos amortalhados, que mudavam por fóra das suas sepulturas no meio da tempestade, dos trovões e alaros de terra que rebentaram no Calvario na noite temerosa da crucificação. Uma rua de Constantinopla é um quadro que deve vêr-se uma vez—mas não.

E depois lá estava o guardador de patos—um *cousa* que levava adiante de si com patos pela cidade e fazia diligencia para vendê-los. Tinha uma vara de dez pés de comprimento, com um *croque* na ponta, e, se por acaso um pato sahia para fóra do bando, e se desviava vivamente para o lado, com as asas meio abertas e o pescoco estendido até mais não, o homensinho não se affligia, e erguendo a vara corria atraz do pato com indizível sangue frio—deitava-lhe o *croque* ao pescoco, «peacava» e repunha-o no seu lugar no bando, sem esforço. Dirigia os patos tão facilmente como outro homem dirige um escalor de seis remos. Decorridas poucas horas, vimolo sentar-se n'uma pedra a uma esquina no meio do movimento da multidão, e adormecer ao sol, com os patos a grassar no torno de si ou desviando-se do caminho dos burros e dos homens. Passada uma hora voltámos, e elle estava passando revista no bando para vêr se algum se tinha desgarrado ou se haviam furtado algum. Era unico o modo por que elle o fazia. Collocava a ponta da vara a distancia de seis ou oito pollegadas de uma parede. Incoz contando á medida que passavam. Não havia meio de fugir a esta verificação.

Se careceis do anês—quero dizer, apenas alguns anões por curiosidade—ide a Genova. Se os quereis comprar por grosso e a retalho, ide a Milão. Ha-os em grande

abundancia por toda a Italia, mas pareceu-me que em Milão a feira era luxuriante. Se porventura quereis contemplar um bello estylo médio de alejados escolhidos, ide a Napoles ou então percorrei os Estados Romanos. Mas, se quereis ir á fonte pura de estropiados e monstros humanos, segui em direitura para Constantinopla. Em Napoles um pedinte que expõe um pé todo recolhido n'um horroroso dedo grande, com um rabo informe no mesmo dedo, tem uma fortuna feita—mas em Constantinopla ninguém faria caso de semelhante exhibição. O desgraçado morreria de fome. A quem attrahiria um chamariz como o d'elle entre os monstros raros que pulham nas pontes do Coruo de Ouro, e pateariam os seus alejões nos canaes de Stambul? Maldito impostor! Como poderia elle competir com a mulher de tres pernas, e com o homem com um olho na face? Como não ficaria corrido deante do homem com dedos no cotovelo? Onde se iria elle metter, quando visso avançar na sua majestade o anão com sete dedos em cada mão, sem labio superior e sem queixo? Os alejados da Europa são uma illusão e uma fraude. As verdadeiras proadas no genero só se encontram nos becos de Pera e de Stambul.

A mulher com tres pernas estava na ponte com o seu galho não disposto de modo que causasse o mais pedroso offeito—uma perna natural, e duas compridas, delgadas e enlaidadas, com pés um ambas, semelhantes ao antebraço de qualquer pessoa. Mas adante lá estava sem olhos um homem, cujo rosto tinha a cor de um bife marchetado de pontos negros, enrugado e cheio de covas como um pedaço de lava—e na verdade tinha as feições tão alteradas e contortadas que ninguém poderia saber o que era que lhe servia de nariz a sahir-lhe dos ossos da maçã do rosto. Havia em Stambul um homem com uma cabeça prodigiosa, um longo corpo descommunal, pernas de oito pollegadas de comprimento e pés semelhantes a patins. Caminhava sobre essas pés e ossas mãos, e tão encurvado que diries que o tinha montado o Colosso de Rhodus. Ah! um pedinte ha de ter bellissimos predilectos para ganhar a vida em Constantinopla. Um homem de rosto acaido sem cousa nenhuma a recommendado, excepto haver sido asseppado n'uma mina, seria considerado um impostor de marca, e um soldado mutilado sobre muletas não ganharia nunca um real.

A mesquita de Santa Sophia é a cousa mais digna de vêr-se em Constantinopla. Supponho que a maior parte

do interesse que a ella se liga provém do facto do ter sido edificada para ser uma igreja christã, convertida depois em mesquita, sem grande alteração, pelos conquistadores musulmanos.

Santa Sophia é um templo colossal, que tem mil trezentos ou mil e quatrocentos annos, bastantemente feio para ser muito mais antigo. Diz-se que o seu zimbório immenso é maior que o de S. Pedro de Roma, mas a sua immundície é muito maior que o seu zimbório, conquanto nunca se fale d'isso. O templo tem cento e setenta colunas, todas inteiriças, e de costosas marmores de diversas qualidades, sendo provenientes de antigos templos em Baalbek, Heliopolis, Athenas e Epheso, arruinados e repolentos. Contavam já mil annos quando esta igreja era nova, e o contraste devia ter sido bem triste de ver — se os architectos de Justiniano não enfeitaram algumas d'ellas. O interior do zimbório desaparece sob uma monstruosa inscripção em caracteres turcos, feitos de mosaico dourado, muito brilhante; o pavimento e as balaustradas de marmore estão todos deteriorados e snjos;

a perspectiva é interceptada por toda a parte por uma teia de cordas, penduradas da altura vertiginosa do zimbório, que suspendem innumeras lampadas escuras de azeite e ovos de abestruz, a seis ou sete pés acima do solo. Acecorados e assentados em grupos, aqui e ali, ao perto e ao longe, estavam turosos esfarrapados, lendo livros, ouvindo prédicas, ou recebendo lições, como crianças, e em cincoenta logares havia outros do mesmo jaez, curvando-se e encostando-se, formando a curvar-se e roçando-se para beijar a terra, tarlmandando entrementos orações, e facendo sempre a sua gymnastica até ficarem caçados, se é que já não o estavam.

Por toda a parte immundície, pó, escuridade, sombras; por toda a parte vestígios de remota antiguidade, mas sem nada tocante ou bello; por toda a parte esses grupos de phantásticos pagãos; por cima da nossa cabeça os deslumbrantes mosaicos e uma rede de cordas de alampadas — em parte nenhuma qualquer coisa que nos captivasse ou despertasse a admiração.

As pessoas que caem em extase deante de Santa Sophia certamente que o foram buscar ao livro-guia (onde de todos os templos se diz que são «considerados por bons juizes a mais maravilhosa estrutura, a muitos respeito, que o mundo jámais viu»), ou então são aquelles velhos entendedores d'entro os selvagens de Nova Jersey que pacientemente investigam a differença que ha entre um fresco e uma marca a fogo, e d'ahi em diante se sentem com o privilegio de ejaclararem as suas futilidades criticas sobre a pintura, a escriptura e a architectura, para sempre.

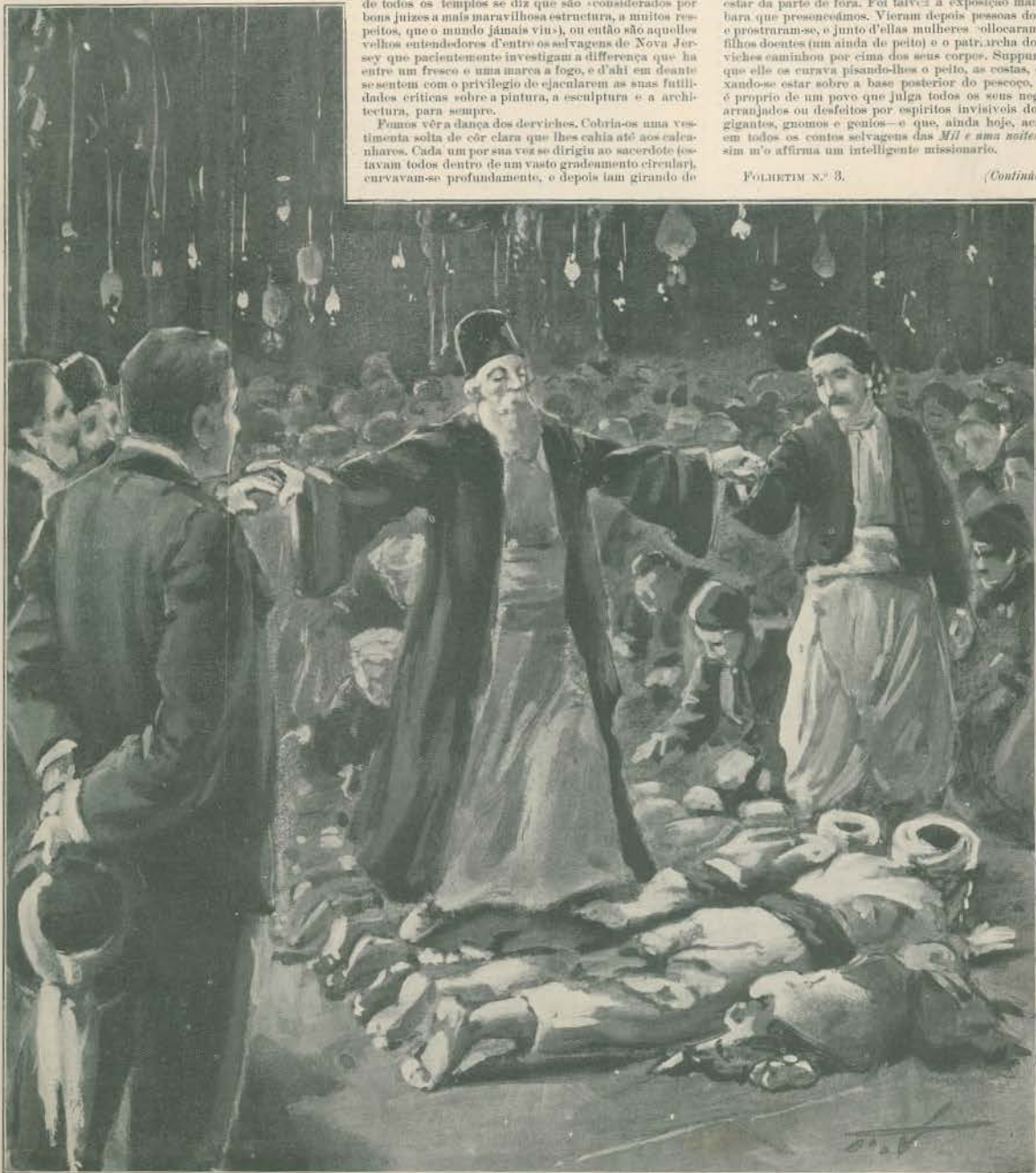
Fomos vêr a dança dos derviches. Cobri-os uma vestimenta solta de cor clara que lhes cahia até aos calcanhars. Cada um por sua vez se dirigiu ao sacerdote (estavam todos dentro de um vasto gradaimento circular), curvavam-se profundamente, e depois iam girando de

roda, em delirio, e tomavam o lugar que lhes era destinado no círculo, e continuavam a andar de roda. Apenas todos haviam n'esse giro occupado os seus logares, estando o círculo de cinco ou seis pés separados uns dos outros — e se achavam assim collocados, a roda completa de pagãos em movimento voltou em torno da teia por tres vezes separadas. N'isso levaram vinte e cinco minutos. Giravam sobre o pé esquerdo, e lá iam passando o pé direito com rapidez deante do outro e batendo com elle contra o pavimento encovado. Alguns tornavam inacreditavel o tempo. A maior parte d'ellos deu quarenta voltas por minuto, e um artista sessenta e uma vezes, termo médio, por minuto, e manteve-o durante a totalidade dos vinte e cinco minutos. O seu vestido encheu-se de ar, de modo que parecia um balão.

Não faziam barulho nenhum, e a maior parte d'ellos deixava cair a cabeça para traz e cerrava os olhos, arroubados n'uma especie de extase devoto. Durante algum tempo ouvise uma musica grosseira, mas os musicos não eram visiveis. Dentro da teia só tinham entrada os dançarinos. Um homem ou havia de andar de roda ou estar da parte de fora. Foi talvez a exposição mais barbara que presenciamos. Vieram depois pessoas doentes, e prostraram-se, e junto d'ellas mulheres «alocaram seus filhos doentes (um ainda de peito) e o patriarca dos derviches caminhou por cima dos seus corpos. Suppunha-se que elle se curava pisando-lhes o peito, as costas, e deixando-se estar sobre a base posterior do pescoço, como é proprio de um povo que julga todos os seus negocios arranjados ou desfeitos por espiritos invisiveis do argigantes, gnomos e genios — e que, ainda hoje, acredita em todos os contos selvagens das *Mil e uma noites*. Assim m'o afirma um intelligente missionario.

FOLHETIM N.º 3.

(Continúa.)



# CHRONICA ELEGANTE

A privilegiada temperatura d'este nosso encantador *cerão de S. Martinho* tem talvez feito esquecer um pouco a proxima entrada do inverno, com todos os seus rigores e os tristes dias sem sol que em breve vamos ter; a natureza, sempre providente, quiz, porém, que tivéssemos do mal o menos, e os laos dias brumosos e sujos, são pouco attractivos, assim ao menos a variação de ser pequenos. Em compensação, as longas noites é que se apresentam cheias de attractivos. Os theatros abrem as suas portas, offerecendo espectaculos de toda a especie, exhibindo as mais suggestivas manifestações da arte, sob os seus multiplos e variados aspectos. Aos encantos da scena corresponde o seductor conjuncto da sala; nos camarotes ostenta-se o incomparavel luxo moderno, que se revela nos minimos detalhes.

Os penteados actuaes não obedecem, como outr'ora, a regras immutaveis; os perfis finos e classicos emolduram-se nos *bandeaux* lisos ou ondeados com o *chignon* muito baixo; os gen-

lis *minois*, de narizinho levemente levantado, à *Roxelane*, pedem uma aureola ou nimbo

de cabellos bem levantados, deixando a descoberto a fronte e a nuca, sobre a qual volteiam alguns *frisons*. As flores ornão admiravelmente os trajes de noite, sobretudo para baile; no theatro enfeitam-se admente o decote com um ramo ou haste e algumas nos cabellos, acompanhando a fórma do penteado. Já lá va o tempo em que se escolliam as flores da cor do vestido. Agora as cores misturam-se na maneira mais artistica, fundindo-se com deliciosa harmonia, e uma nota muito moderna é a *superposição* de tecidos transparentes, de cor differente.

As capas de theatro e baile envolvem a figura toda como um manto principesco; feitas de sedus, damascos riquissimos, lavrados, bordados brocados recamados de ouro

seda adequados e geralmente de outro colorido. Estes *manteaux*, contudo, não constituem propriamente um grande ganhalho. N'este caso estão as sumptuosas capas de *fourrures*, de que já falamos n'outra chronica, e as de velludo ou pelucia acolehoadas em setim.

Voltam a usar-se muito os loques de plumas brancas com varetas de madreperola, marfim, tartaruga clara, ouro ou prata. Nas varetas desenham-se arabescos leves ou brilhantes e outras pedras preciosas. Os *largans* e binoculos seguem na mesma sonda de requintado luxo e são ornados de pedrarias, como os loques.

FIG. 1.— *Manteau* em brocado branco tecido com ouro e flores lavradas; guarnições de *passementerie* branca e ouro, forro de seda amarella.

FIG. 2.— Vestido de baile; fundo de seda azul, coberto de *mousseline* desado rosa pallido e recoberto de *tulle* branco. Guarnição do corpo, mangas e saia em cordão de *nygosis*.

FIG. 3.— Vestido de *mousseline* de seda amarello pallido, *incrusté* de *quipure* branca; corpo e *empiècement* *coutissé*, fitas de velludo preto, botões anti-gos de diamantes.



FIGURA 1



FIGURA 2



FIGURA 3

de prata, guarnecem-se de *rendas*, *passementeries* de mais luxuosas e variadas e forram-se de tecidos de



AS IRMãs SUGGIA



GUARDA MUNICIPAL DE LISBOA — A DESFILADA DO REGIMENTO



O CAPITÃO DA GUARDA MUNICIPAL AUGUSTO CÉSAR DE BETTENCOURT SOU DIRECTOR DO LEMOSINO



ESTADO MAIOR COM O SR. CORONEL MALAQUAS DE LEMOS



O ACTOR COQUELIN (AINÉ) NO «CYRANO DE BERGERAC» Peça que se vai representar no theatro D. Amélia



GUARDA MUNICIPAL DE LISBOA — GUARDA DE HONRA DA BANDEIRA